



Serendipity



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Trabalho de Conclusão de Curso em Poéticas Visuais

Serendipity

O acaso, a narrativa e o personagem no processo de criação

Karen Ferreira Cerutti

Dezembro 2011

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado ao Departamento
de Artes Visuais da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul para obtenção do
grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador

Rodrigo Núñez

Banca Examinadora

**Claudia Zanatta
Laura Castilhos**



Agradecimentos

Agradeço à minha família, pelo apoio, inspiração e ajuda nas horas mais complicadas. Minha mãe e minha sogra, que me ajudam desde o início do curso, cuidando dos pimpolhos pra eu não perder aula, ao meu pai e meu sogro, me emprestando as respectivas esposas. Aos meus filhos, sempre inspiração (e às vezes piração) e ao meu marido amado, dando suporte em diversas áreas mesmo sem entender (ajudando inclusive nas filmagens dos *Stop Motions* deste trabalho).

À professora Laura, que me acompanhou desde o início do curso, quando eu ainda pensava ser o desenho meu caminho, e me ajudou a soltar traço e expressão, que andavam tão presos nos traços dos desenhos técnicos da Arquitetura.

À professora Claudia, que conheci e passei a admirar ao longo deste ano, por sua dedicação a cada aluno individualmente, e especialmente por ter me mostrado o Rubem Alves educador que eu ainda não conhecia, e que acabou por tornar-se fonte essencial para reflexão sobre o meu fazer artístico.

Ao Professor Carusto, meu primeiro professor de cerâmica, que fez com que eu me apaixonasse por este material, sempre trazendo projetos malucos, que eu abracei (e ainda abraçarei) entusiasmada.

Aos meus colegas de Atelier, pelas conversas, brincadeiras, sugestões, dicas, piadas... Pelo gostoso convívio que fazem com que o Atelier de Cerâmica seja tão familiar, praticamente uma extensão de casa. Vou sentir muita saudade desse convívio diário.

Ao professor Rodrigo, meu orientador, pelo respeito ao meu processo (maluco e desordenado) de criar, mesmo que isso ameaçasse afetar sua sanidade.



Introdução

Encaro a arte como uma grande brincadeira, mesmo que muitas vezes crítica. O que é muito sério se torna para mim rapidamente chato e entediante, então busco a brincar.

O lúdico é essencial no meu trabalho, e o barro me abriu uma série de novas possibilidades por me permitir brincar com a matéria mesmo sem saber o que pretendia dela. E assim deixei que a matéria comandasse meu processo, que é cheio de desvios e pontos de corte. Ele não é sofrido, é divertido! E se algo me causa sofrimento logo percebo que é hora de um novo desvio, uma mudança de direção, que acontece a maioria das vezes em função do meu próprio processo ao acaso, sem muito planejamento.

O trabalho prático se constitui, depois de muitos desvios no processo, em diversas cenas interpretadas pelas minhas personagens, as ovelhas, em brincadeiras com cenas do imaginário coletivo e outras criadas por mim.

De alguma forma, o brincar sempre esteve ligado ao meu trabalho, seja na infância, quando freqüentei a Escolinha de Artes da UFRGS, seja na adolescência, em que freqüentei um atelier/escola e principalmente ao longo do curso superior. Durante os anos do curso de Artes Visuais, passei boa parte do



tempo tentando fazer o que pensava ser esperado, e esse período me causou confusão e sofrimento por simplesmente não encontrar meu caminho. Só depois de me entregar ao brincar e às ligações com a infância é que encontrei minha expressão dentro das artes.

Este trabalho foi concebido na forma de um diário de modo a contemplar o lúdico e também permitir que sejam facilmente descritos os diversos desvios que o processo sofreu ao longo da execução do projeto, narrativa que seria bastante complicada em um texto linear e formal. As datas são apenas aproximadas e os eventos podem ou não ter acontecido da forma descrita, mas refletem os sentimentos e reflexões reais ocorridos de cada etapa do processo.



16 de novembro de 2010

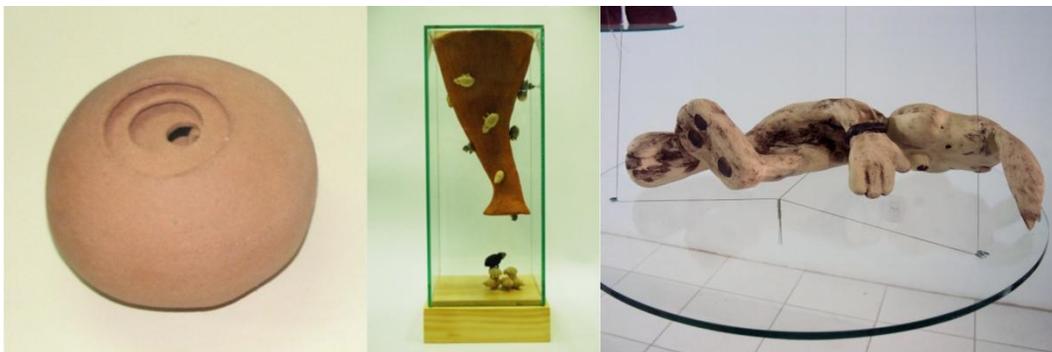
Este foi um ano muito interessante. Consegui me dedicar à arte na maior parte do tempo e descobri a cerâmica. Nunca imaginei que eu, impaciente como sou, fosse me apaixonar por um material e uma técnica que exige tanta paciência, com um tempo tão próprio. Decidi que este é meu caminho. Em especial neste segundo semestre, acabei por mergulhar neste universo de barro, participando de diversas propostas e exposições, com peças em diversas técnicas e tamanhos.

Dessa época, três trabalhos me marcaram mais: O desafio que me propus ao ver a obra do inglês Matthew Chambers¹, o furacão que fiz para o Acervo Cerâmico Itinerante e o Coelho, elaborado para a exposição que inauguraremos no início de dezembro intitulada “Solidão”. Acredito que um desses trabalhos será o ponto de partida para meu TCC.

A exposição foi uma experiência particularmente interessante, por termos nos envolvido desde a concepção, a idéia inicial, escolha do local e tema, curadoria, museografia, convites e tudo mais.

¹ Matthew Chambers é um artista inglês nascido em 1975. Nos anos 90 trabalhou como aprendiz por 6 anos com Philip Wood, ingressando depois no curso de Bacharelado em artes e posteriormente mestrado, ambos com ênfase em cerâmica. Suas peças são trabalhadas no torno e posteriormente montadas. Maiores informações: <http://matthewchambers.co.uk/>





Acima Os três trabalhos com possibilidade de se tornarem ponto de partida para o Trabalho Final e abaixo uma geral da exposição “Solidão”.



05 de Janeiro de 2011

Hoje fiz o primeiro texto relativo ao meu trabalho. Ainda muito indefinido, mas já indicando o caminho. Percebi que desde o início do curso, o universo infantil aparece de alguma forma no meu trabalho, não apenas pela inspiração dos meus filhos (entrei no curso grávida do primeiro), mas principalmente pelas memórias da minha própria infância. Nada mais lógico que este universo, tão importante e presente na minha vida, seja o tema do meu trabalho de graduação.

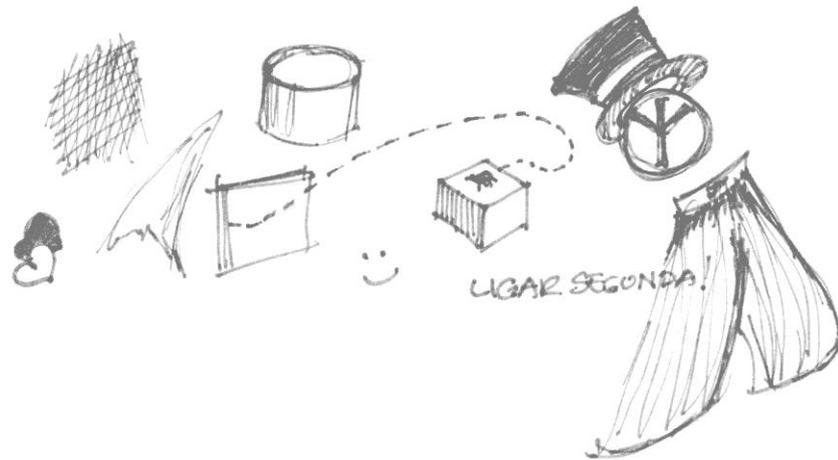
Afinal, o que é um brinquedo? E porque a cerâmica nesta discussão?

O brinquedo é tão rico de significados que torna-se quase impossível responder essa pergunta. Desde o primeiro contato, no berço, até os objetos colecionados por adultos, eles representam idéias, sonhos, memórias, treinos para a vida adulta ou o adulto resgatando os desejos da infância. Ao representar estes brinquedos e brincadeiras em cerâmica, busco resgatar essas memórias e sonhos. Esse pedaço de cada um de nos que ficou lá na infância, mas ao mesmo tempo está aqui e agora, formando quem somos.

O ato de modelar, para a grande maioria, faz parte deste universo deixado pra trás. Quem, na infância, não brincou com barro ou com massinhas de modelar? Mas, ao contrário do desenho, a grande maioria abandona esta técnica



ao longo da vida, deixando as modelagens em barro e massinha junto com os brinquedos, apenas na memória, enquanto o desenho de alguma forma acompanha todos nós, mesmo que seja apenas nos rabiscos distraídos em folhas de papel durante uma reunião ou telefonema.



10 de Março de 2011

Objeto transicional: este é o nome dos objetos que estou produzindo. Esta nomenclatura foi criada por Winnicott², designando o objeto ao qual em geral as crianças se apegam na primeira infância, representando as primeiras relações com o mundo exterior, um porto seguro em um mundo ainda desconhecido.

A idéia é fazer entrevistas com pais de filhos crescidos sobre a infância desses filhos. Qual o objeto preferido do seu filho na infância? Qual é a história dele? Por quanto tempo houve esse vínculo? Como ele acabou?

Essa última pergunta é bastante importante, já que na definição corrente do objeto transicional, essa relação acaba de uma hora pra outra, porque simplesmente o objeto perde seu significado.

²Donald Wood Winnicott; Pediatra e Psiquiatra inglês nascido em 1896 e referência para psiquiatras e psicólogos no trato da infância e dos fenômenos ligados ao crescimento e amadurecimento. O tratamento de crianças mentalmente transtornadas e das suas mães, graças a formação como Pediatra e Psicanalista, lhe deu a experiência com a qual ele construiria a maioria das suas originais teorias.



29 de Março de 2011

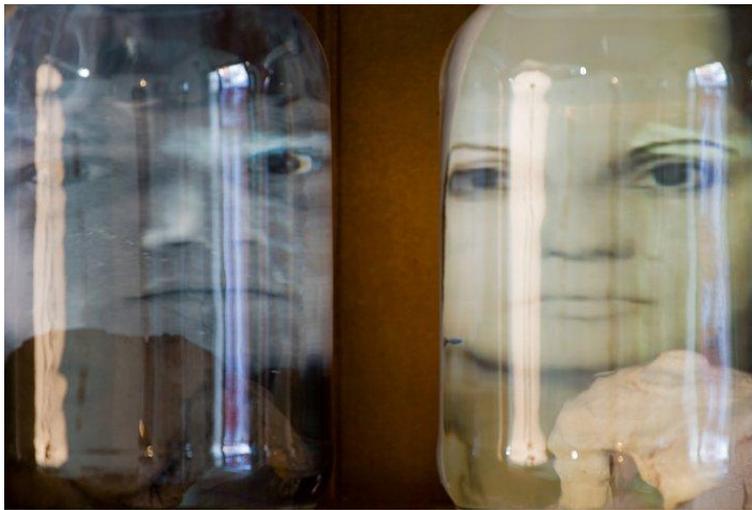
Pensando bem, qual a necessidade das entrevistas? Que diferença faz se as histórias e objetos são reais ou não? Percebi nessas primeiras semanas que pouco importa a realidade, desde que passe a *idéia* dos objetos. Até porque a história desses objetos não é necessariamente verdadeira nem para os envolvidos: em geral esse envolvimento acontece na primeira infância, época da qual a grande maioria não tem lembranças, apenas sabe de suas aventuras e travessuras pelo relato de pais, tios, avós... E esses relatos acabam sempre tendo versões diferentes, como memórias mais construídas do que lembradas.

No DVD “Autorretrato”³, os músicos Kleiton e Kledir fazem uma espécie de autobiografia, mas já avisam no início: “boa parte é inventada...” E não dizem o que é verdade ou não, deixando espaço para a imaginação do público, acreditando no que quiser.

³ Autorretrato: DVD de estúdio da dupla formada pelos irmãos e músicos gaúchos Kleiton e Kledir, lançado em 2009 pela gravadora Som Livre. Tem diversas características que o distinguem dos demais trabalhos do gênero, com sacadas geniais, como a música “Ao Sabor do Vento”, que foi filmada com rotação acelerada e colocada no DVD com a velocidade corrigida, dando um ar um tanto etéreo, de sonho.



Memórias fictícias são tema recorrente na arte. Mostra disso é o trabalho de Carusto Camargo, “Mamilos in Memoriam”, que em muitas peças conta com fotografias antigas compradas em biques e feiras, dando a idéia de que são memórias do próprio artista, que na realidade utilizou as fotos mais por interesse estético.



Imagens de parte da obra “Mamilos in Memoriam” quando em exposição na galeria do espaço Jaabutipê, no Centro Histórico de Porto Alegre.



Outra artista que inventa memórias, mas de uma forma mais histórica e menos pessoal é Inês Raphaellian. Em seu trabalho, ela cria peças cerâmicas com formas que lembram fósseis e os enterra. Posteriormente ela volta com uma equipe de arqueólogos e estudantes e “descobre” esse material. Na sequência, é montada uma exposição desses falsos fósseis, gerando uma experiência bastante confusa para o visitante, sem conseguir separar o real do fictício.



Still de reportagem sobre o trabalho de Inês Raphaellian (ver link na próxima página).



No CD anexo há um vídeo onde a própria artista explica um pouco sobre o trabalho. (Raphaelian.wmv)

O mesmo pode ser encontrado também no link abaixo:

http://www.youtube.com/watch?v=Ba8H1NmZS1M&feature=youtube_gdata_player



15 de abril de 2011

Hoje, pesquisando na internet as realidades inventadas, encontrei um livro chamado “Vida vivida, Vida inventada”⁴. Nele, uma turma de crianças de 5ª série escreveu suas próprias histórias inventadas. As professoras explicam que idéia surgiu a partir da leitura que fizeram do livro “O Menino no Espelho”, de Fernando Sabino, no qual ele fazia um relato de suas aventuras na infância. Elas contam ainda que logo as crianças perceberam que não podia ser uma biografia de verdade, pois no livro o menino voa, para o tempo, cria coisas do nada com um simples desejo, que obviamente ninguém faz na vida real. Acabei lendo ambos, e me diverti muito. Claro que são histórias para crianças, mas as fantasias criadas me encantam. Um “brincar com palavras” delicioso. Quando leio essas coisas, sinto como se de repente eu tivesse permissão de viajar, imaginar, como as crianças fazem, livres pra criar seus próprios mundos.

Na epígrafe do livro das crianças, há um texto que se encaixou perfeitamente com meu trabalho; muitas vezes já tive essa impressão em conversa com meus irmãos. É até engraçado.

⁴ O livro em formato .pdf está disponível no CD anexo.



“Sempre pensei que a narrativa é a arte primordial dos seres humanos. Para ser, temos que nos narrar, e nessa conversa sobre nós mesmos há muitíssima conversa fiada: nós nos mentimos, nos imaginamos, nos enganamos. O que contamos hoje sobre a nossa infância não tem nada a ver com o que contaremos dentro de vinte anos. E o que você lembra da história comum familiar costuma ser completamente diferente daquilo que seus irmãos lembram. Às vezes troco algumas cenas do passado com a minha irmã Martina, como quem troca figurinhas: e o lar infantil desenhado por uma e pela outra quase não têm pontos em comum. Os pais dela se chamavam igualzinho aos meus e moravam numa rua com o mesmo nome, mas certamente eram outras pessoas...”⁵

Nessa lógica inventada, acabei definindo uma série de objetos e comecei a trabalhar neles. Alguns estão sendo mais divertidos, como os paninhos, outros mais chatos de fazer, como o livro de pano. Sinto que está faltando algo, mas ainda não sei bem o que.

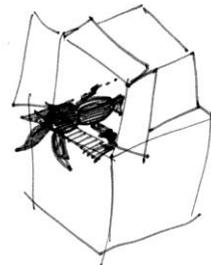
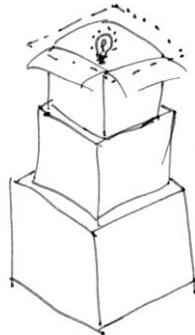
⁵ Texto extraído de “A louca da casa” (Rosa Monteiro, 2004) e transcrito como epigrafe do livro “Vida vivida, Vida inventada”





Inspiração para os primeiros objetos modelados.

As primeiras idéias de montagem estão surgindo. Talvez caixas de papelão, onde se costuma guardar as coisas que não queremos jogar fora, mas que não tem mais serventia? Uma opção é utilizar caixas empilhadas de diversas formas e tamanhos, colocando as peças nelas como que guardadas, de repente com alguma iluminação por dentro.



15 de maio de 2011

Fiz a primeira peça completa de brincadeira, em uma aula da qual sou monitora. Um bico de criança (chupeta). Consegui fazer até a alcinha móvel. Outras estão também ficando prontas. O paninho, feito com a argila canadense, ficou muito bom porque devido à maleabilidade do material pude fazer da espessura que quis: bastante próxima da real e com formato de um paninho normal largado sobre a mesa. Adorei as novas possibilidades que a qualidade do



O pano e o bico: dois dos primeiros objetos modelados. Respectivamente Argila Canadense marron claro e argila bronze, ambas queimadas a 1200



material me deu. Preciso ainda refazer o coelho, mas por algum motivo não consigo. Já comecei diversas vezes, e acabo desmanchando e recomeçando.

Uma amiga me trouxe um texto sobre amigos imaginários⁶. O objeto transicional tem muito a ver com essa idéia. O propósito de ambas é bastante semelhante: dar segurança em e/ou ajudar a lidar com situações de desconforto.

Ultimamente essa questão do amigo imaginário tem me chamado bastante a atenção. Talvez seja o caso de abrir um pouco o campo e não me restringir aos objetos ligados a primeira infância. Existe um desenho, chamado *“Foster Home for Imaginary Friends”*, que trata do que aconteceria com os amigos imaginários depois deles terem sido abandonados pelos seus donos/criadores. A Sra. Foster é uma velhinha que nunca conseguiu abandonar seu amigo imaginário (um coelho) e gerencia um lar adotivo para os amigos imaginários abandonados. O menino Mac, de oito anos, é o dono de Bloo, uma espécie de fantasma, e por não querer abandoná-lo faz um acordo com a Sra. Foster para que Bloo possa morar na mansão mas continuar pertencendo a ele.

⁶ “Amigos Imaginários” – Reportagem de Paola Emilia Cicerone para a Revista “Viver Mente e Cérebro”, Edição de Janeiro de 2005, paginas 88 a 92



Outra animação que lida com essa questão é “Toy Story”. As histórias dos filmes são baseadas justamente dos brinquedos de um menino chamado Andy, liderados pelo preferido, um boneco chamado Woody. Ao longo dos filmes, eles tem que lidar com a idéia de serem substituídos por um novo brinquedo (Buzz Lightyear que acaba por tornar-se um amigo e aliado de Woody) e se perderem na mudança, até finalmente serem doados para outra criança. Como pano de fundo, a história de um menino que vai crescendo e se desapegando de sua infância até que, sem drama nem tristeza, se despede de seus “amigos” quando vai para faculdade, dando-os para uma garotinha, que imediatamente se conecta aos brinquedos, criando novas aventuras com eles.



Os “elencos” das duas animações.



Apesar do trabalho não se relacionar diretamente com a questão do amigo imaginário, este muitas vezes se manifesta fisicamente no objeto transicional. Essa idéia do abandono sem dor acontece exatamente da mesma forma em ambos os casos, segundo Winnicot:

“... Este objeto é simplesmente abandonado, separação que não requer trabalho de luto. A perda de seu significado sem pranto indica que sua função se cumpriu, se difundiu na relação entre realidade psíquica de um sujeito e o que lhe é exterior.”⁷

⁷ WINNICOTT



20 de Junho de 2011

A pré banca está chegando e eu, que estava me sentindo tão segura com meu trabalho estou balançando... Algo me incomoda e não sei bem o que é, algo que está faltando... Já entreguei o texto, mas a banca foi adiada e acabo pensando muito no todo do trabalho. A cada dia que passa me sinto mais insegura, tentando encontrar o ponto que falta.

Tenho uma idéia do que pretendo expor no final do ano, mas ainda não sei que vai ficar bem assim. Este é meu plano:

“A obra será composta por aproximadamente 10 peças em cerâmica representando objetos diferentes ligados à fase da primeira infância: bicho de pelúcia, paninho, livrinho de pano, etc. Estes objetos estarão expostos junto a caixas de papelão, do tipo usado comumente para guardar coisas que se deseja preservar, mas não mais utilizar.

Ao fundo, uma trilha mesclando sons ligados a infância (caixinha de música, crianças brincando, balanço rangendo) e sons "adultos" (palestras profissionais, música de casamento, barulho de motor).”⁸

⁸ Citando a mim mesma no trabalho apresentado na pré banca em 05 de julho de 2011.



05 de Julho de 2011

Foi hoje! Comecei o dia concentrada em trabalhar para não ficar muito nervosa, e acabei fazendo mais duas peças: o Tubarão Bruce e outro bico. Este segundo bico foi feito em função de eu ter quebrado o primeiro enquanto montava a apresentação. A cada minuto que passava mais nervosa eu fui ficando, mas durante a apresentação fiquei bem tranquila. Como eu mesma estava achando que algo estava faltando não senti nenhuma tristeza quando eles me disseram isso. Acabei por concordar com quase tudo que ouvi. Algumas idéias já aparecem e tenho que ver como vou colocá-las em prática.

Houveram passagens engraçadas: depois de ouvir meu orientador dizendo que preciso trabalhar mais todo o tempo desde março, foi hilariante ouvir a Laura dizendo exatamente o contrário, sugerindo que eu modelasse menos e pensasse mais. O olhar do Rodrigo foi impagável. Sai de lá prometendo pra ele que iria fingir que não ouvi o que ela disse nesse ponto.

A sugestão mais importante foi a de criar um personagem. Algo que desse uma unidade ao conjunto. Logo pensei nas ovelhas, que de certa forma são minhas “amigas imaginárias”, mas preciso pensar muito sobre isso.



20 de Julho de 2011

Depois de pensar bastante no que ouvi na pré-banca, percebi que o que faltava no meu trabalho era eu! Eu não me coloquei nele, e o que restou era apenas um amontoado de objetos, sem identificação, sem vínculo. Na busca por me distanciar do trabalho para pensar nele, acabei me ausentando totalmente. Penso em me colocar nele através de minhas ovelhas, mas não sei como ainda.



05 de Agosto de 2011

Ah, minhas ovelhas!

Elas apareceram a primeira vez ano passado, no furacão que criei. Aquele trabalho é bem emblemático do meu processo, que possui sempre tantos desvios. Eu estava tentando fazer um tipo de vaso inspirado em Matthew Chambers, e quando fui olhar o trabalho, descobri um furacão. Adorei a idéia, e sempre que penso em furacões imagino fazendas sendo arrastadas (talvez por influência do Mágico de Oz). Não consigo imaginar fazendas sem ovelhas, já que passei todas as férias de minha infância na fazenda do meu avô, que as criava, e acabei criando um furacão para onde as ovelhas se atiravam... Amei o resultado.

As ovelhas são meu personagem, me representam. Ainda na idéia de me apropriar da memória de outros, penso em fazer ovelhas imitando os objetos



transicionais. Uma ovelha na mesma posição do coelho, outra com o rosto do Tubarão Bruce... Esta última fiz hoje, e adorei o resultado. É interessante, porque o Bruce parece tão mais inocente que ela! Nada mal para um Tubarão vegetariano e uma ovelha que está tentando roubar a personalidade de outro personagem...



A ovelha e Bruce, lado a lado em minha estante...



01 de Setembro de 2011



A bandejinha com as ovelhas na hora de ir para o forno.

que é colocar no forno uma a uma, fiz uma espécie de bandeja aonde vou colocando-as na medida em que faço. Quando cheia, coloco para queimar assim mesmo e vai tudo para o forno junto. Fica mais prático e diminui a possibilidade de ovelhas sem pernas e orelhas. O resultado ficou engraçado, não? Parece ovelhinhas mortas numa piscina vazia...

Comecei a fazer as mini ovelhas de novo. Tenho ideia de usá-las para compor a exposição, como se fossem ajudantes da ovelha do mal. Não sei se é bem por aí, mas vou trabalhando e pensando... Estou adorando fazer as pequenininhas de novo. Como elas se quebram facilmente e sei a chatice



20 de Setembro de 2011

A cada dia que passa mais espaço as ovelhas ganham no trabalho. Os objetos transicionais perderam espaço de vez. Estou pensando em criar cenas em que elas se apropriem de histórias ou cenas do imaginário comum. Pequenas cenas teatrais com elas funcionando como atores.

Tenho lido muitos textos do educador Rubem Alves. Eu não conhecia muito dele em relação a ligação com a infância, e seu jeito de escrever tem muito em comum com meu pensamento. Em um texto dele, achei o que é praticamente a definição de quem eu sou:

“...Se é que vocês não sabem, todas as coisas que os artistas fazem são brinquedos. Na escola e na ciência as pessoas aprendem a olhar para a coisa e ver a coisa. Mas as crianças e os seus amigos artistas olham para as coisas e vêem outras. E é assim que surgem as obras de arte e os brinquedos, que são a mesma coisa.”... (Rubem Alves - “Brinquedos”)⁹

Tenho “freqüentado” o site de Rubem Alves, e a cada visita descubro textos interessantes e idéias sobre as quais pensar.

⁹ <http://www.rubemalves.com.br/brinquedos.htm>





Página principal do site “A casa de Rubem Alves”, que se tornou um pouquinho minha casa de reflexões nesses tempos.

Neste momento de grandes mudanças e de indefinições, uma sensação estranha me invade. Uma ansiedade grande, por saber o que precisa ser feito, e ter pressa para fazer, porque sei que não há muito tempo. Meu objetivo? Terminar a parte prática até o final de outubro, para que eu tenha tempo de refletir bastante sobre o processo. É um desafio e tanto...



10 de Outubro de 2011

Hoje retomei a leitura do livro com os textos de Walter Benjamin. Iniciei folheando o livro e encontrei uma passagem com uma anotação a caneta ao lado que dizia "muito bom para agora":

“Porque Benjamin dá tanta importância ao brincar? E porque todo esse fascínio da criança pela repetição? É que ela quer sempre saborear de novo a vitória da aquisição de um saber fazer, incorporá-lo. O adulto percorre esse caminho em sentido inverso, porque no brincar está a origem do seu gestual cotidiano. Os nossos hábitos, diz Benjamin, são ‘formas petrificadas da nossa primeira felicidade, do nosso primeiro terror’...”

E não é que é bom mesmo? Na realidade este trecho foi escrito por Willi Bolle, na introdução do livro.¹⁰ Me identifiquei totalmente, no meu fazer repetitivo das pequenas ovelhas, na minha brincadeira de criar cenas.

Os objetos transicionais praticamente saíram de cena. Fico imaginando cenas em que elas interpretam papéis conhecidos do imaginário das pessoas, independente do conhecimento de arte. Quero que o público seja capaz de imaginar a continuação das cenas, brincar também.

¹⁰ BENJAMIN, Walter Reflexões sobre a Criança, o brinquedo e a Educação. São Paulo, Summus Editorial, 5ª edição, 1984.



14 de Outubro de 2011

Enquanto trabalhava nas ovelhas, um fantasma que fiz inspirada no Bloo (da Mansão Foster...) saiu do forno depois de esmaltado e estava ali na mesa. O Rodi brincou com ele e a ovelhas e sugeriu que eu fizesse um *Stop Motion* usando a cena... Ideia completamente maluca! Nunca fiz vídeo e nunca gostei muito de vídeo-arte, e pelo que me consta o Rodrigo também não. Mas gostei da ideia, que me pareceu muito divertida e ao mesmo tempo desafiadora.

Acabei indo dormir às 3 da manhã, testando a técnica pra ver o tamanho do problema, e achei muito divertido fazer. Tive idéia de três filminhos, e quero fazê-los nas primeiras semanas de novembro.



Seleção de *stills* do filme que fiz, testando a técnica.

A grande inspiração é o trabalho de Liliana Porter¹¹, que trabalha com entre outras coisas com pequenos vídeos, com personagens simples e sem

¹¹ Liliana Porter , argentina nascida em 1941 e residente em Nova York desde 1964, trabalha em papel, tela, fotografia, vídeo, instalação e arte pública. Ganhou diversos prêmios internacionais e tem obras em

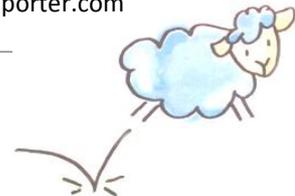


grandes produções. Em geral, os personagens não têm expressão, e a emoção é dada através da simples movimentação dos personagens no cenário e da trilha sonora.



Me identifiquei imediatamente com o trabalho de Liliana por diversos motivos. As coisas pequenas, as brincadeiras, a limpeza... São pequenas

diversos dos principais museus do continente americano e europeus. Mais informações: Lilianaporter.com (sem WWW mesmo)



situações inusitadas que diversas vezes brincam com a noção de escala dos objetos utilizados.

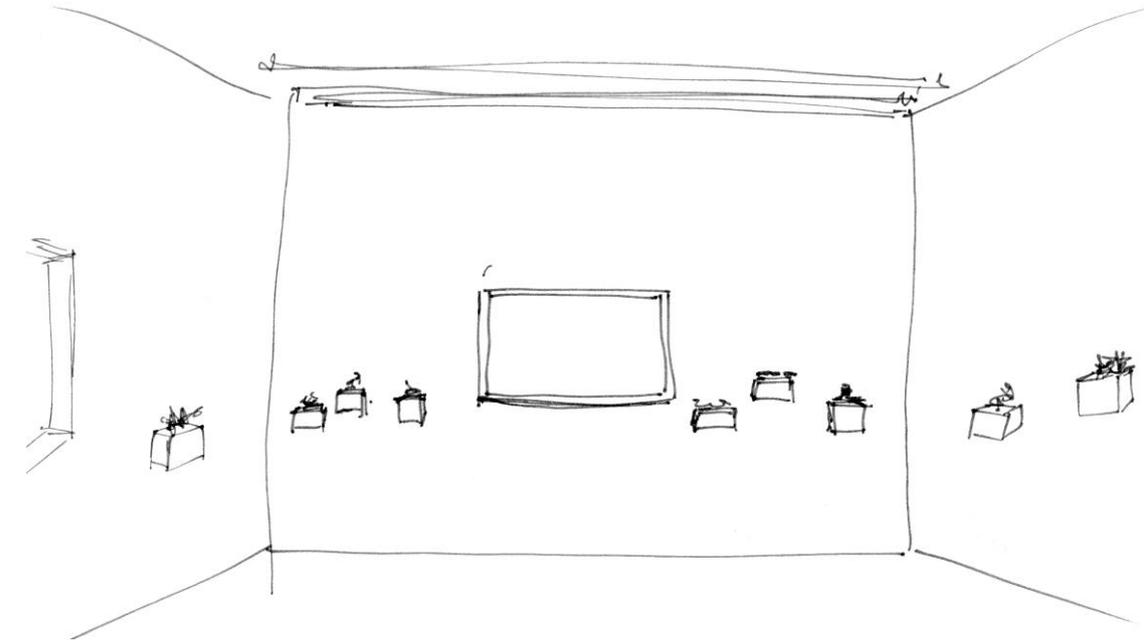


Imagens retiradas do website da artista.



23 de Outubro de 2011

Defini finalmente o modelo de exposição que vou usar. Uma televisão grande com os filmes e caixinhas brancas fixas na parede, com as pequenas cenas que estou criando. Como a parede não agüenta o peso da televisão, vou ter que usar o pedestal para a TV, mas acredito que não vai prejudicar o todo da exposição.



Sigo modelando ovelhinhas e alguns outros personagens, como o coiote e o cão pastor dos desenhos animados. Fiz também algumas tentativas de imitar os penhascos rochosos que aparecem no desenho animado, idéia baseada em brincadeira de colegas da disciplina de Técnicas Cerâmicas (valeu, Tamir e Artur!). Sigo brincando...



06 de novembro de 2011

Começou muito mal, ficou pior e depois melhorou. Ainda bem!

Iniciei a semana com muita ansiedade do tanto de coisas que tenho que pra fazer (dentro e fora do IA). Quando pensei que não podia piorar, no feriado aconteceu o “massacre das ovelhas”. Um triste acidente onde meu filho fez cair uma bandeja com 70% das minhas ovelhas, despedaçando-as. Apenas duas sobreviveram. Abaixo imagens do “antes” e do “depois” do acidente...



Nem preciso dizer que chorei muito. Passado o desespero inicial, me resignei e fiquei 5 horas colando pedacinho por pedacinho. Consegui salvar



apenas dois terços, e coloquei as “sobras” em um copinho daqueles de comer ovo “pochê”.



Alguns momentos do processo de salvação das ovelhas.

Das ovelhas quebradas, surgiu a cena do escritório e o enterro da ovelha. Mas mais importante de tudo: surgiu o primeiro filme! Que acabou não sendo nenhum dos que eu tinha planejado antes. Chama-se “Refeição”, e foi inspirado na cena que vi quando juntei a bandeja com as ovelhas “salvas” e o copinho com os restos das outras.

O video está disponível no CD anexo. (Refeição.wmv)





Cena que inspirou o primeiro Stop Motion.

Mais uma mudança no meu trabalho. Acabei por me animar e produzir muito na sexta feira, criando mesinha, cadeira, super ovelha com capa, coisinhas super delicadas. Me lembrei de uma observação da prof. Adriana Daccache sobre uma delicadeza inesperada no meu trabalho de pintura. É interessante como pessoas conseguem ver nosso trabalho melhor que nós mesmos. Comecei com objetos maiores, desajeitados até, e agora voltei aos micro-objetos. E estou amando!



15 de novembro de 2011

Mais um filme a ser feito. Mas vai ficar pra mais adiante. As idéias ainda estão surgindo, e os roteiros estão indo mais pra um lado de crueldade, inspirados na “Refeição”.

Passsei o dia revisando as peças e vendo o que falta fazer. Só mais 30 dias até o grande dia! A relação personagem x autor tem habitado meus pensamentos. Lembro de coisas que li nesse sentido, dessa relação um tanto quando maluca, já que o personagem não é real. Exemplos disso é Sherlock Holmes e seu criador, Sir Arthur Conan Doyle. Doyle chegou a relatar ter “discutido” com Holmes para “convencê-lo” a passar por alguma situação mais desagradável em um livro. Até que escreveu à sua mãe em 1891: "Acho que vou assassinar Holmes... e lhe dar fim de uma vez por todas. Ele priva minha mente de coisas melhores". Realmente o fez, mas os protestos do público foram tão grandes que se viu obrigado a “ressuscitá-lo” em outras histórias.

Acredito que a relação personagem x autor é bastante presente na arte. Mesmo que a obra não seja propriamente um personagem, ela acaba por ganhar vida própria na medida em que se desenvolve, como vejo minhas ovelhas. A cada dia novas cenas e histórias se desenrolam, como se elas é que estivessem brincando comigo. Volto àquela relação de amigo imaginário (as vezes não tão



amigo assim...). Uma relação da criança com seu brinquedo preferido, sem o qual não consegue dormir (afinal quem é dono de quem?).

Há alguns anos, tentei escrever um livro, inspirada por um sonho que tive. Era um romance, e de início me entusiasmei com a atividade. Senti a escravidão que personagens podem ser e acabei engavetando o projeto. Não é que minhas personagens agora não tomem todo meu tempo, mas o fazem de uma maneira mais solta, já que essas histórias não tem início nem fim, apenas pequenas cenas criadas e/ou copiadas. O mesmo não se aplica num livro.

No meu caso, minhas ovelhas são mais atores que personagens, imitando situações de outros personagens, roubando identidades, brincando de interpretar papéis. Não sei até quando elas renderão idéias, quando elas se “aposentarão”.

Fico curiosa pra ver onde os caminhos cheio de desvios do meu processo ainda me levarão. As ovelhas começaram tão inocentes, brincando em um furacão, mas aos poucos adquiriram uma certa crueldade. Será que elas farão uma rebelião e eu serei a próxima vítima?



21 de novembro de 2011

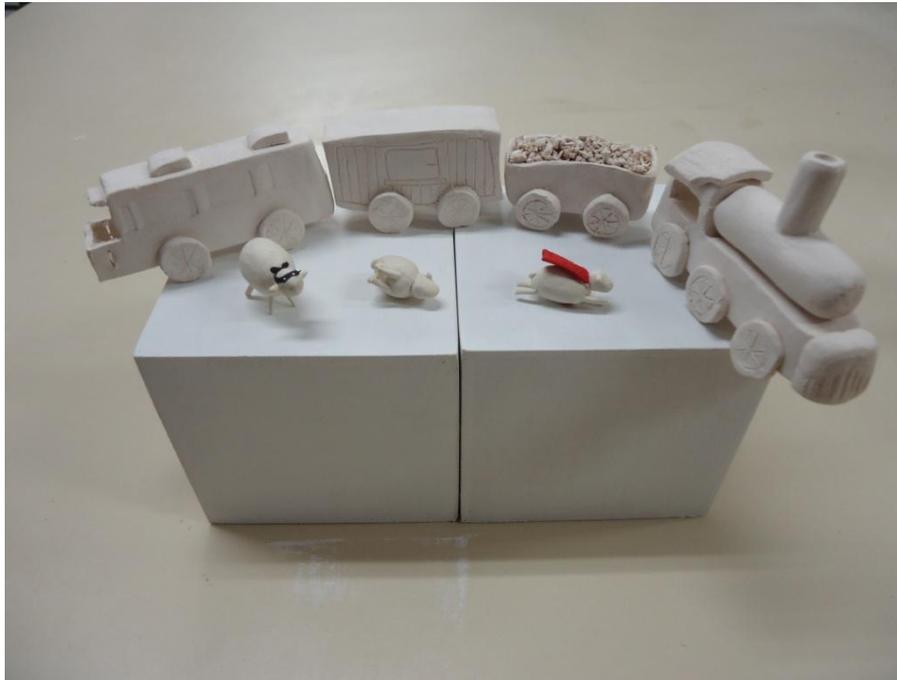
Finalizando o roteiro do filme mais longo. No final de semana participei de uma queima alternativa, e coloquei o tubarão pra queimar com cascas de frutas em um forno de chão. Bom, agora o pobre bicho parece que foi assado. Provavelmente usarei isso no filme, foi necessário fazer um novo tubarão. Hoje terminei de modelá-lo e agora faltam apenas detalhes de acabamento. Acho que esta semana ele ainda vai pro forno.



Os dois "Bruce": Um torrado e o outro branquinho...



Testei as montagens de algumas cenas nas caixinhas, mas algumas caixas precisam ser maiores, e talvez em outro formato. Vou ver novas caixinhas de outros tamanhos para escolher as que melhor se adaptarem as cada história. Nessa reta final, apenas esses detalhes de montagens me preocupam um pouco. É difícil imaginar como tudo vai ficar sem poder colocar lá mesmo.



Os personagens prontinhos pra montar a cena da super ovelha salvando a mocinha indefesa amarrada no trilho do trem pelo bandido malvado.



22 de novembro de 2011

Durante todo este ano, o que mais observei sobre meu processo foi como o acaso favorece o seu desenvolvimento. O nome disso? “*Serendipity*”, ou “*feliz acidente*”. A história da ciência está repleta de casos que podem ser classificados como serendipismo, como a descoberta da Gravidade¹² e do chamado Princípio de Arquimedes¹³. Nos dias de hoje, é considerado como uma forma especial de criatividade, ou uma das muitas técnicas de desenvolvimento do potencial criativo de uma pessoa adulta, que alia perseverança, inteligência e senso de observação.

Louis Pasteur disse: “O acaso só favorece a mente preparada”. Acho que fui sempre uma curiosa por natureza, e ao mesmo tempo muito adaptável a situações inesperadas. Trocando em miúdos, sou craque em fazer limonada se a vida me dá limões, e essa capacidade de adaptações me tornou muito atenta às oportunidades de fazer diferente; estou sempre com a mente preparada.

¹² Segundo conta a tradição, Isaac Newton iniciou seus estudos da gravidade depois de observar uma maçã caindo da árvore e refletir o porquê desta cair no chão ao invés de ficar flutuando.

¹³ Também segundo a tradição, diz-se que Arquimedes descobriu que o volume de corpos irregulares pode ser facilmente medido ao submergi-los em água e medir-se a quantidade de água que este descola ao entrar em uma banheira cheia e ver que a água que derramada correspondia ao volume de seu corpo. Diz-se que saiu correndo pelas ruas da cidade, nu, gritando “Eureka” (em grego, “encontrei”).



Hoje lendo as definições do termo (que me foi indicado pelo meu orientador), pensei com meus botões: “como não conheci isso antes?!”

A palavra Serendipity representa a descoberta, de forma acidental, de algo que tenha ou desperte muito valor para nós, ou que nos seja útil. Pode ainda significar a descoberta (também acidental) de alguma coisa que nos seja agradável.

A palavra foi criada no século XVIII pelo escritor inglês Horace Walpole, em uma carta que ele escreveu ao seu amigo Horace Mann, que na época morava em Florença. O motivo da carta era a descoberta de uma pintura da condessa de Toscana, Bianca Capello: O teor da carta era:

"Esta descoberta é a do tipo que vou chamar de Serendipity, uma palavra muito expressiva que vou tentar te explicar, já que não tenho nada melhor a fazer: você a compreenderá melhor através da sua origem do que através de definições. Eu li, uma vez, um conto chamado "Os três príncipes de Serendip": Nele, suas altezas realizavam contínuas descobertas em suas viagens. Descobertas por acidente e por sagacidade, de coisas que, a princípio, não estavam buscando. Por exemplo, um deles descobre que uma mula cega do olho direito, andava sempre, na beira da estrada pelo lado esquerdo, já que lá, estava a grama já comida. Compreende, agora o Serendipity?"



24 de novembro de 2011

Tubarão novo no forno, e mais um filme sendo produzido.

Hoje gravei mais um filme, com ajuda do Marcus¹⁴. Ainda falta acertar a trilha sonora, mas ficou legal. Uma das dificuldades foi manter o foco da máquina sempre no mesmo ponto e as diferenças de iluminação. Ambos têm tendência de variar um pouco, conforme as peças vão se movimentando, e essa diferença pode estragar o resultado final do vídeo.



Eu em pleno processo de gravação, no meu estúdio improvisado na mesa da sala.

¹⁴ Meu marido, engenheiro que não entende nada de arte, mas é ótimo com música, máquina fotográfica e computador. ☺



25 de Novembro de 2011

Engraçado como certezas podem se relativizar. Einstein, com sua relatividade, era mesmo um gênio. Hoje ouvi do meu orientador, em conversa com alguns colegas de aula, que o projeto de graduação não é hora de fazermos algo que nunca fizemos... Imediatamente olhei pra ele, um pouco surpresa e divertida ao mesmo tempo. Por sugestão dele que os “*Stop Motion*” entraram no trabalho há apenas algumas semanas, e eu nunca tinha feito nada assim, nem pretendia fazer em momento algum... Concordo plenamente com o argumento de que faz parte do meu processo e foi um caminho natural, de modo algum questiono isso. Mas esta situação mostra que na realidade essas certezas, essas “regras” são sempre relativas. Na realidade a resposta certa não é sim nem não. A resposta certa é quase sempre “depende...”, ao menos quando se trata de criação, arte e processo.

O Segundo “*Stop Motion*” ficou pronto, com trilha sonora original (bom, mais ou menos original) criada/copiada/executada pelo Marcus¹⁵.

Este video também está disponível no CD anexo. (Susto.wmv)

¹⁵ O já mencionado engenheiro e marido.



01 de dezembro de 2011

Tudo conferido: peças prontas, algumas pinturinhas pra fazer e as caixinhas para providenciar.

Mas as idéias não param! Hoje conversando com o Prof. Carusto surgiu a idéia de adaptar um trabalho de outra disciplina à situação das ovelhas. Ainda vou testar, provavelmente não fará parte da exposição final, mas dá uma boa direção para a continuidade do projeto.

Uma última leitura, sobre um artista chamado Antonio Seguí. Depois de ler o texto (leitura cansativa em função de ser em espanhol), me chamou a atenção o envolvimento dele com o personagem, bem diferentes dos meus, claro (ele usa pessoas em suas pinturas), mas com o mesmo tipo de inspiração, de desejos, inclusive com a ligação com a infância como ele mesmo cita¹⁶:

“... Mi infancia, eso es El modelo absoluto. Pinto permanentemente en contacto con una cierta idea de mi infancia y dentro l espacio de aquella memoria general con una multitud de souvenirs particulares...”

Nem preciso dizer mais, certo? Seguí apareceu agora, no finalzinho deste processo, mas certamente será referência na continuidade do trabalho.

¹⁶ SEGUÍ, pag27 – citação de uma entrevista concedida a Edy Devolver



16 de Dezembro de 2011

Difícil descrever o processo que aconteceu ontem, o grande dia da banca final. As ideias e sentimentos se misturam, não consigo separar bem o que eu pensei e o que me foi dito.

Acordei muito ansiosa, com medo, sei lá. Na realidade não estava completamente segura da qualidade dos vídeos, comecei a repensar coisas e pensar no que faltava... Mas como diz meu amigo Mons. Urbano Zilles "CORAGEM! E foi com este espírito que levantei cedo e fui pro Instituto de Artes.

Pra começar a montagem, fui separando as peças, pensando se a televisão (que achei imensa com suas 46 polegadas!) deveria ficar no meio ou na lateral, mas resolvi mantê-la no meio, onde tinha planejado antes. O critério para separar as cenas foi colocar as inspiradas em histórias de um lado e as demais no outro. Meio sem querer, as com cores mais fortes ficaram a direita e as mais clarinhas a esquerda.

Sem o suporte da televisão (que ninguém sabia onde estava para meu desespero), não pude colocá-la no lugar até o meio dia, o que me deixou bastante insegura, mas fui colocando as minhas pequenas cenas, meio que intuitivamente, distribuídas nas laterais de onde ficaria a televisão. Claro que,



mesmo sem poder monta-la no lugar, demos um jeito de testar os pendrives com os vídeos logo no início da montagem... Vai que não funciona? Mas graças a Deus funcionou direitinho. De qualquer forma, foi um grande alívio poder posicionar a televisão e terminar de montar tudo, colocando as ovelhas-formiga uma a uma na parede e sobre o suporte da televisão.



Vista geral da exposição prontinha no dia da Banda Final.



Bom, devo dizer que ver tudo ali, montado, me causou tranquilidade. A inquietação passou, e mesmo o atraso no início não me incomodou. Ver tantos colegas ali me prestigiando também foi muito bom (mesmo que dias antes eu torcesse pra que ninguém aparecesse...).

Sim, a experiencia de montagem é fenomenal. Nunca temos realmente idéia do todo do trabalho até ver a montagem finalizada.

De repente, estava ali: o resultado de meses de trabalho e reflexão. A coroação de um ano inteiro de pensamentos, erros e acertos, descobertas, decepções... No final de tudo, um orgulho danado, um sentimento gostoso de ter conseguido foi o que restou. Cada minuto de inquietação e dúvida, de trabalho e concentração valeu a pena.

Restaram algumas duvidas, como a necessidade de colocar etiquetas de identificação nas cenas, com dimensões, nome, etc, e com certeza é uma coisa a ser testada antes de uma eventual futura exposição. Muitas outras idéias de cenas e situações agora ainda surgem, e aos poucos pretendo fazer cada uma delas ganhar vida. Quem sabe não consigo expor daqui um tempinho numa individual?



Pensando agora sobre tudo...

Brincando, criei a cada dia, ora imaginando, ora modelando, escrevendo... Passo a passo percorri um caminho cheio de desvios criados pelo acaso, por acontecimentos sem o meu controle, mas aproveitados pela minha observação, pela minha capacidade (ou talvez necessidade) de adaptação.

Durante o processo, estive longe, ausente. Depois aos pouquinhos fui entrando na brincadeira, me permitindo viver, criar, inventar, imaginar... Com personagens que são atores, livres das barreiras de personagens tradicionais, que com suas personalidades fixas impedem a livre criação sem que se descaracterizem.

Olhando agora o resultado desse tempo, me vejo no trabalho. Sou eu, ali, está vendo? Aquela mão invisível, brincando; uma espécie de diretora criando cenas e histórias.

Quer brincar também?

Seja bem vindo ao meu mundo! Meu pequeno mundo. Para fazer parte dele basta se aproximar, deixar imaginação correr e inventar. Nem tudo precisa ser o que parece...

Karen Cerutti

52



Bibliografia

Livros e Artigos

BENJAMIM, Walter *Reflexões: A criança O brinquedo A educação, São Paulo, Summus Editorial, 1984;*

CICERONE, Paola Emilia “Amigos Imaginários” in *Revista Viver Mente e Cérebro*, Janeiro de 2005, p. 88 a 92

MONTEIRO, Rosa *A Louca da Casa*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004;

MORAIS, Frederico *Arte é o que eu e você chamamos de arte, Rio de Janeiro, 4ª Edição, Editora Record, 2002;*

PASSETTI, Gabriel e ALMEIDA, Luana Chnaiderman (org) *Vida Viva, Vida Inventada*, Colégio Equipe, São Paulo – SP, 2007;

SABINO, Fernando *O Menino no Espelho*. São Paulo: Record, 84ª edição 2009;

WINNICOTT, Donald W. *O Brincar e a Realidade*, São Paulo: Ed. Imago, 1975;

WINNICOTT, Donald W. “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” In *Textos selecionados – Da pediatria à psicanálise*. Trad. De Jane Russo. Francisco Alves Editora S.A., Rio Janeiro, 1978



Catálogo de Exposição

SEGUÍ, Antonio *Catálogo da Exposição Retrospectiva 1958-1990* , Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina, 1990

Sites

<http://www.rubemalves.com.br> – último acesso em 04/12/2011

<http://matthewchambers.co.uk/> – último acesso em 04/12/2011

<http://lilianaportner.com/> – último acesso em 04/12/2011 – infelizmente nessa data alguns dos vídeos que me inspiraram não estavam mais disponíveis.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mansão_Foster_Para_Amigos_Imaginários – último acesso em 04/12/2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/Toy_story – último acesso em 04/12/2011

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Serendipity> – último acesso em 04/12/2011



Ficha técnica dos Vídeos

“Refeição”

Duração: 28 seg

Criação e modelagem dos personagens: Karen Cerutti

Fotos e iluminação: Karen e Marcus Cerutti

Animação: Karen Cerutti

Trilha sonora e efeitos: Karen e Marcus Cerutti

“Susto”

Duração: 44 seg

Criação e modelagem dos personagens: Karen Cerutti

Fotos e iluminação: Karen e Marcus Cerutti

Animação: Karen Cerutti

Trilha sonora original e efeitos: Marcus Cerutti

“Tubarão”

Duração: 38 seg

Criação e modelagem dos personagens: Karen Cerutti

Fotos e iluminação: Karen e Marcus Cerutti

Animação: Karen Cerutti

Trilha sonora (colagem) e efeitos: Marcus Cerutti



Catálogo das Peças Apresentadas



...E por isso foram expulsos do paraíso...

Argila Branca Shiro e Argila Canadense
marron com pintas.

Queima 1200^o

Tinta Acrílica

Fio elétrico 0,8mm





No Penhasco

Argila Terracota e Argila
Canadense marron com pintas e
Branca.

Queima 1200^o





Navegando

Argila Branca Shiro e Argila Canadense
marron clarinha com pintas.

Queima 1200^o

Tinta Acrílica

Palito de dente de madeira





Jogue-ma sua lã

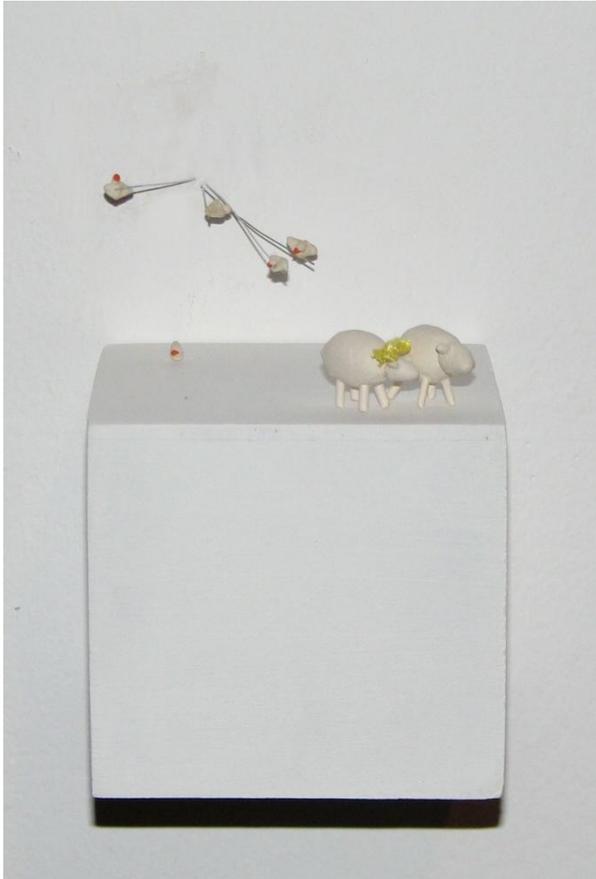
Argila Branca Shiro e Argila Canadense
marron com pintas.

Queima 1200^o

Tinta Acrílica

Lã sintética





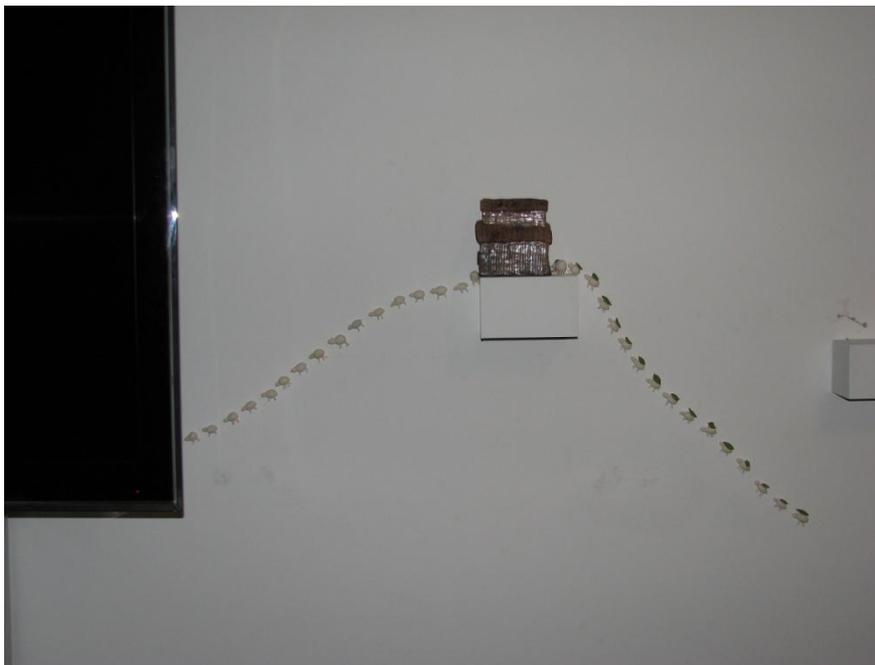
...deixaram migalhas de pão marcando o caminho, mas os passaros comeram tudo...

Argila Branca Shiro

Queima 1200°

Tinta Acrílica





Preparando o inverno

Argila Branca Shiro e Terracota

Queima Raku e Queima 1200^o

Tinta Acrílica





Enforcamento

Argila Branca Shiro, Argila Cinza e Argila Bronze.

Queima 1200°

Tinta Acrílica

Linha de Bordado Prata





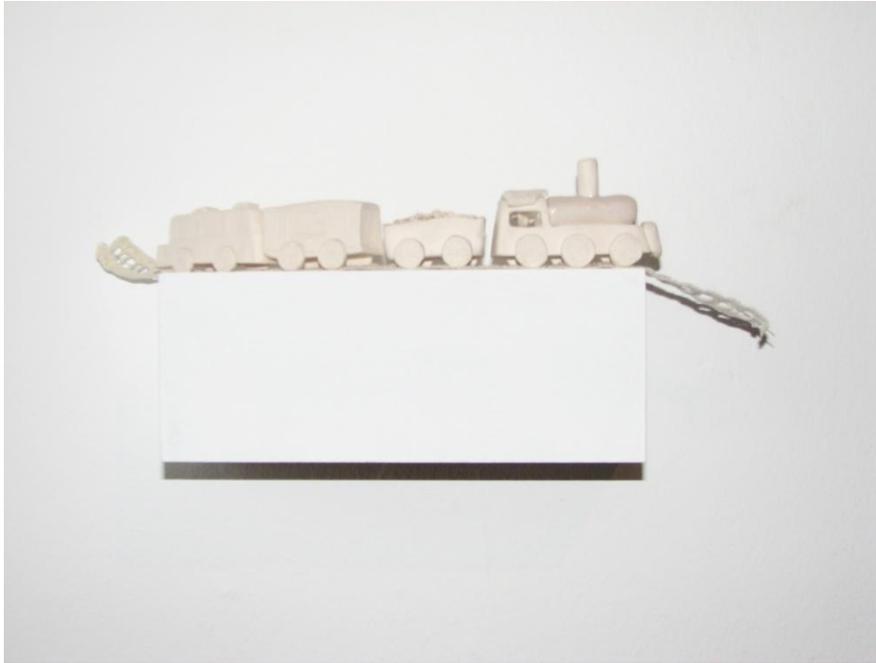
Dia do Caçador

Argila Branca Shiro

Queima 1200⁰

Tinta Acrílica





Piuiii

Argila Branca Shiro

Queima 1200°





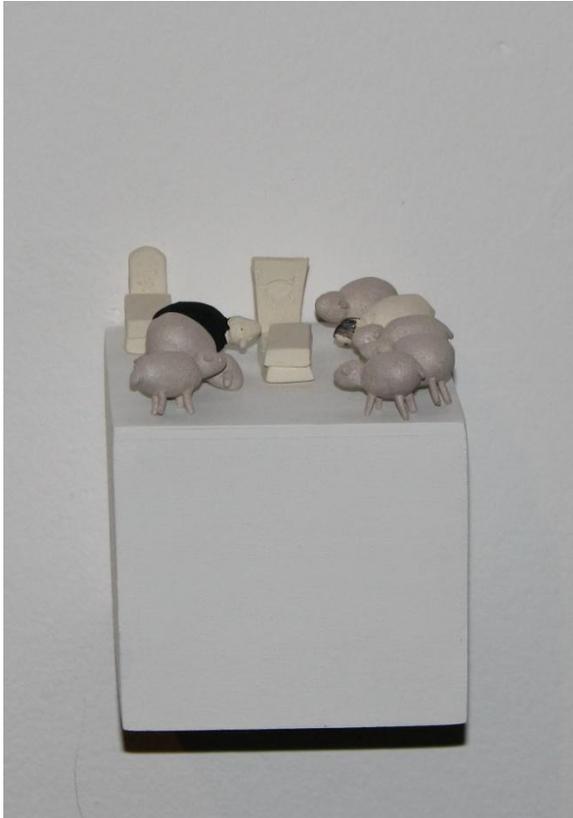
Super Ovelha

Argila Branca Shiro

Queima 1200⁰

Tinta Acrílica





Funeral

Argila Branca Shiro e Cinza

Queima 1200⁰

Tinta Acrílica

